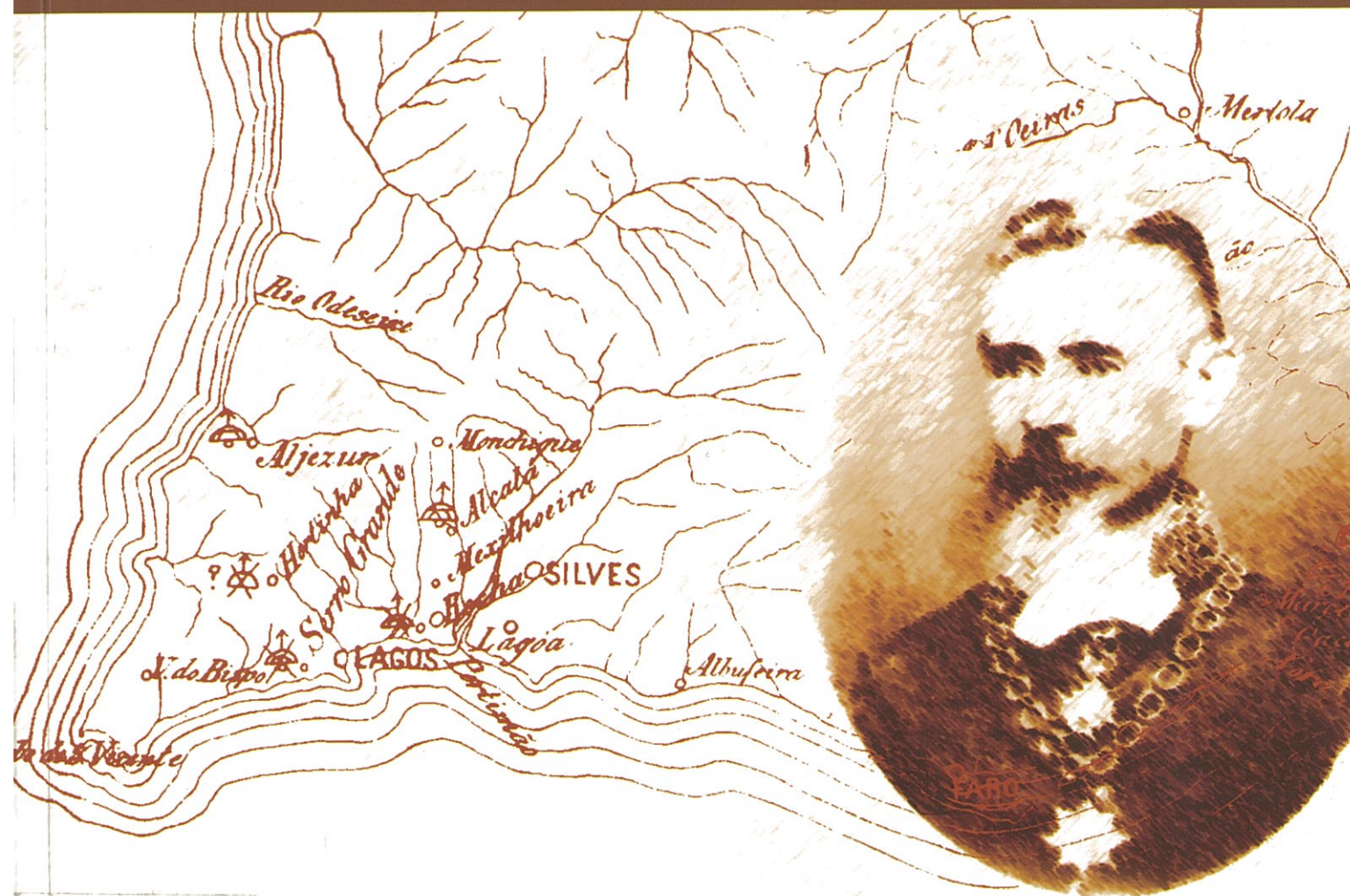


# XELB 7



Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve  
- Percursos de Estácio da Veiga -

(Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006)

## Percursos de Estácio da Veiga 4º Encontro de Arqueologia do Algarve

### Comissão de Honra:

Exmo. Sr. Presidente da República  
Exma. Sra. Ministra da Cultura  
Magnífico Reitor da Universidade do Algarve  
Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra  
Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa  
Magnífico Reitor da Universidade Nova de Lisboa  
Magnífico Reitor da Universidade Aberta  
Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Tavira  
Exma. Sra. Presidente da Câmara Municipal de Silves  
Exmo. Sr. Presidente da Associação de Municípios  
com Centro Histórico  
Exmo. Sr. Presidente da Associação de Arqueólogos  
Portugueses  
Exma. Sra. Presidente da Associação de Arqueólogos  
Portugueses

### Organização:

Câmara Municipal de Silves  
Instituto Português de Arqueologia  
Instituto Português do Património Arquitectónico  
Universidade do Algarve

### Coordenação Científica:

José d'Encarnação

### Comissão Executiva:

Maria José Gonçalves  
Pedro Barros  
Rui Parreira  
João Pedro Bernardes

### Secretariado:

Alexandra Pires  
António Rodrigues  
Isabel Nunes  
João Estiveira  
Luísa Mogo  
Rita Dias

### Audiovisuais:

Carlos Rocha

## XELB 7

### Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve – Percursos de Estácio da Veiga

### Edição e Propriedade:

Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Arqueologia

### Coordenação Editorial: Maria José Gonçalves

**Autores:** Maria Isabel Fernandes da Silva Soares,  
José Macário Correia, João Luís Cardoso,  
Manuel Calado, Leonor Rocha, Rui Parreira,  
Pedro Barros, Amílcar Guerra, Ana Margarida Arruda,  
Carlos Fabião, Cristina de Oliveira,  
Felix Teichner, Thomas Schierl, Ana Gonçalves,  
Paula Tavares, Helena Catarino, Maria Luísa da Veiga Pereira,  
Guida Casella, Marta Moreno-García, Carlos Manuel Pimenta,  
Ana Luísa Santos, Ana Cristina Martins,  
Susana Gomez Martinez, Virgílio Lopes,  
Hélder Coutinho, Theodor Hauschild, Catarina Viegas,  
João Pedro Bernardes, Angelina Pereira,  
Paulo Rebelo, Raquel Santos, Maria José Cadete,  
Luís Campos Paulo, Maria José Gonçalves,  
Isabel Soares, António Pereira, Vera Teixeira de Freitas

### Design e Composição: Logicamente

**Impressão:** Litográfis, Lda.

**ISBN:** 978-972-8505-18-9

**Depósito Legal:** 263665/07

**Tiragem:** 500 exemplares

**Outubro de 2007**

O conteúdo dos artigos é da exclusiva responsabilidade  
dos seus autores



.XV

Trabalhos Arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola

Susana Gómez-Martínez ,Virgílio Lopes \*

## Resumo

Estácio da Veiga realizou em Mértola uma breve mas prolífica campanha de pesquisa que deu lugar a uma obra fundamental no estudo arqueológico de Mértola para qualquer período. Muitos dos conteúdos deste texto ainda são fundamentais em muitos casos. No entanto, os trabalhos do Campo Arqueológico de Mértola têm alargado, matizado ou corrigido as referências de Estácio da Veiga, especialmente no que diz respeito ao Castelo e Alcáçova, Rossio do Carmo, Cine-Teatro Marques Duque e Achada de São Sebastião.

## Abstract

In Mértola, Estácio da Veiga completed a brief but prolific series of investigations. His seminal work provided the outline for subsequent archaeological studies in the area for all time periods. His work, summarized in the text of this article, continues to be fundamental to most studies. The investigations undertaken by the Campo Arqueológico de Mértola have built on, improved or corrected the initial investigations by Estácio da Veiga. This is especially true for the excavations at the Castelo and Alcáçova, at the Rossio do Carmo, the Cine-Teatro Marques Duque and at the Achada de São Sebastião.

\* Campo Arqueológico de Mértola - [camertola@sapo.pt](mailto:camertola@sapo.pt)

## 1. Introdução

Desde sempre os vestígios arqueológicos que apareceram em Mértola despertaram a curiosidade dos vários investigadores.

Após as catastróficas cheias de 6 e 7 de Dezembro de 1876, muitos foram os vestígios arqueológicos que vieram à superfície e disso deu notícia a imprensa regional e mesmo nacional. Os ecos de tais descobertas depressa chegaram ao governo regenerador de Fontes Pereira de Melo. O conselheiro da coroa António Maria de Amorim apresentou ao ministro do Reino António Rodrigues Sampaio uma proposta no sentido de se proceder a uma observação *in situ*, o que, após discussão em conselho de ministros, foi deferido por portaria de 15 de Janeiro de 1877 (Veiga, 1983: 2-3). Foi neste contexto que o governo regenerador, sensível às questões patrimoniais, dirigiu ao arqueólogo Estácio da Veiga um convite para «*proceder ao exame dos vestígios antigos de Mértola e à revisão da (...) carta archeologica*» do Algarve (Veiga, 1983: 2). Convite aceite, em 2 de Março de 1877 são iniciados os trabalhos de reconhecimento. Estácio da Veiga contou com o apoio de elementos das Obras Públicas de Beja e recorreu a metodologias avançadas para a época utilizando o teodolito e do pantómetro que lhe facultaram maior rigor matemático.

Cuidadosamente, toma nota da sua estratégia de abordagem: «*Primeiramente indicarei os logares da margem direita do rio Guadiana, pertencentes ao concelho de Mertola, que me foram recommendados pelos vestígios das suas antiguidades; narrando em seguida os que aparentemente observei; coordenarei por epochas e geographicamente do sul para o norte o catalogo dos monumentos que descobri e obtive, actualmente existentes n'um gabinete reservado da academia real de bellas artes; e finalmente tratarei de apreciar a significação de todos esses monumentos, assim como de outros muitos ali achados desde o seculo XVI até à data das minhas in-*

*vestigações*» (Veiga, 1983: 14).

Estácio da Veiga iniciou a sua visita a Mértola em 2 de Março de 1877 e terminou-a no dia 12 do mesmo mês (Pereira, 1993: 11). Esta dezena de dias leva-o aos locais que, de antemão, trazia anotados para proceder ao seu estudo: o Barranco do Azeite, a Vargem da Bombeira, a Vargem da Vaqueira, o convento de S. Francisco, o sítio do Tamujo, a vila intramuros e extramuros de Mértola, a Cerca de S. Sebastião e a Vargem de S. Brás. Nem todos esses sítios, contudo, foram alvo de trabalhos arqueológicos em profundidade, por razões que se prendem com a escassez do tempo de que dispunha e, apenas num caso, devido à interdição do proprietário do terreno (Barros, 1999: 47).

Nesta curta exploração, nalguns pontos limitou-se ao reconhecimento dos vestígios postos a descoberto pela cheia e, noutros casos, procedeu à abertura de valas, como aconteceu no Castelo e no Rossio do Carmo, como foi relatado no livro *Memórias das Antiguidades de Mértola*, de 1880.

Neste trabalho apenas nos vamos centrar nas intervenções efectuadas por Estácio da Veiga que, cerca de um século depois, foram retomadas pelo Campo Arqueológico de Mértola sob a direcção de Cláudio Torres e em que os signatários deste estudo tem vindo a trabalhar (fig. 1).

## 2. Castelo e alcáçova

Ao périplo de Estácio da Veiga pela margem direita do rio Guadiana, seguiu-se a vinda à zona intramuros de Mértola. Logo ao chegar à vila, pela porta da Ribeira, o arqueólogo reconheceu vários elementos epigráficos e materiais reaproveitados do período romano (Veiga, 1983: 19).

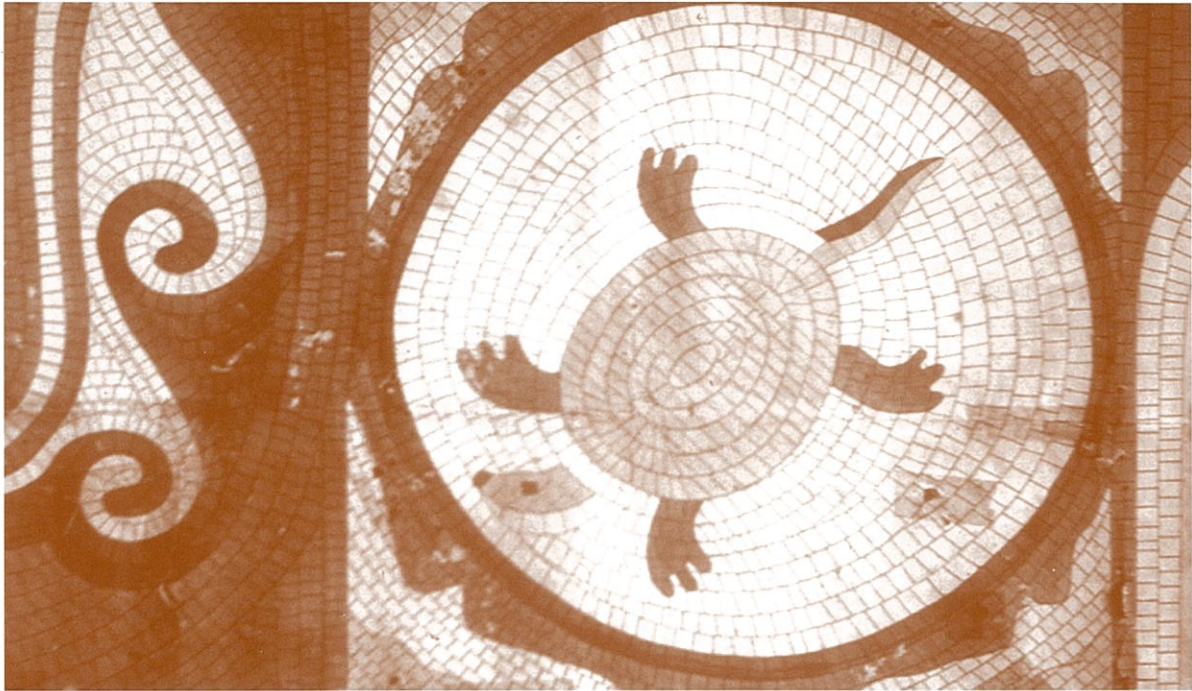
Na encosta norte do castelo procedeu à abertura de um corte que levou à descoberta de um significativo achado, sobre o qual vale a pena conhecer as suas próprias palavras: «(...) um pavimento de mosaico, do genero opus vermiculatum, descoberto n'uma escavação feita na rampa do castello em profundidade de 2m,63, distante 4 metros da servidão que vai da igreja matriz para o cemiterio publico e a dez metros da porta



Fig. 1 - Localização das intervenções de Estácio da Veiga em Mértola.

do mesmo cemitério” (Veiga, 1983: 29-30). Tratava-se da descoberta de um mosaico com a figura central de uma “tartaruga (...) ou de um cágado” (Veiga, 1983: 20) do qual apenas restou o desenho colorido que então anotou e que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia (fig. 2). A intervenção neste local foi breve, e no dizer do arqueólogo “Tive pois de abandonar este importante descobrimento, de prescindir da exploração do corredor subterrâneo, a que chamam boca do inferno, de deixar entulhada a porta falsa do castelo e o seguimento do seu caminho (...)” (Veiga, 1983: 20). Apesar da brevidade da intervenção, o criptopórtico não passou despercebido, contudo teria que esperar um século para ser “minuciosamente desentulhada durante cinco

anos” (Torres e Silva, 1989: 31). Estas últimas escavações revelaram a galeria de um criptopórtico com um papel essencialmente estrutural de contenção e suporte da plataforma de implantação do fórum. Assim, no seu lado Norte, para suportar maiores pressões numa amplitude mais vasta, o desnível do terreno era compensado pelo criptopórtico de 32 metros de comprimento, com largura e alturas médias de, respectivamente, 2,70 e 5,80 (cf. infra) (Torres e Oliveira, 1987: 618). A parede exterior do criptopórtico possui um paramento constituído por silhares de mármore e granito, reaproveitado de outras construções entretanto abandonadas. Sobre essa parede diz Estácio da Veiga: “Quasi toda a cortina aderente ao baluarte fronteiro à ermida da Senhora das



**Fig. 2** - Mosaico da tartaruga.

Neves é abundante d'esta mescla, incluindo espaçosas pedras rectangulares de granito, que necessariamente vieram de grande distancia e não para construção de muralhas" (Veiga, 1983: 78).

Na parte superior da plataforma as escavações levadas a cabo nas últimas décadas puseram a descoberto um importante complexo baptismal e um não menos significativo conjunto de mosaicos (fig. 3). Os mosaicos do baptistério de *Myrtilis* teriam obedecido a um mesmo programa de obra, pois o modo da disposição dos motivos e da colocação do tessellato assemelha-se em todos eles. O mesmo se poderá dizer do tamanho das tesselas, das cores empregues e do número utilizado na composição das figuras. Os motivos vegetalistas fitomórficos repetem-se também nos painéis, nomeadamente no mosaico de Belerofonte, no mosaico da basílica e no da cena de caça. Estes factores levam-nos a pensar que um mesmo grupo de mosaístas terá executado estes vários mosaicos. O tratamento das figuras também se assemelha, bem como os motivos geométricos ou vegetalistas utilizados.

As temáticas dos mosaicos são enquadráveis na

gramática decorativa dos mosaicos cristãos, como é o caso da tartaruga, das cenas de caça e do mito de Belerofonte (fig. 4). Certamente estes mosaicos estavam integrados num edifício de culto, do qual o elemento mais significativo é o baptistério.

Por sua vez, o baptistério não estaria isolado, mas integrado num edifício religioso de tipo basilical ou num possível palácio episcopal. Deste conjunto apenas foi escavado o baptistério e uma parte significativa do pórtico.

Pensamos, portanto, que tanto esta estrutura como a edificação na qual se integrava terão uma cronologia de contexto suevo-visigótico e não será de excluir a hipótese de uma influência bizantina (séculos V - VII) (Lopes, 2003: 170).

Estácio da Veiga encontrou no mesmo corte do que a tartaruga, materiais que reconheceu como islâmicos (Veiga, 1983: 20 e 30) mas não refere edificações desta época nem sepulturas da Baixa Idade Média. As escavações do CAM, pelo contrário, revelaram estas duas realidades.

No que diz respeito à necrópole da Baixa Idade Média (séc. XIV ao XVI), as escavações trouxeram à luz

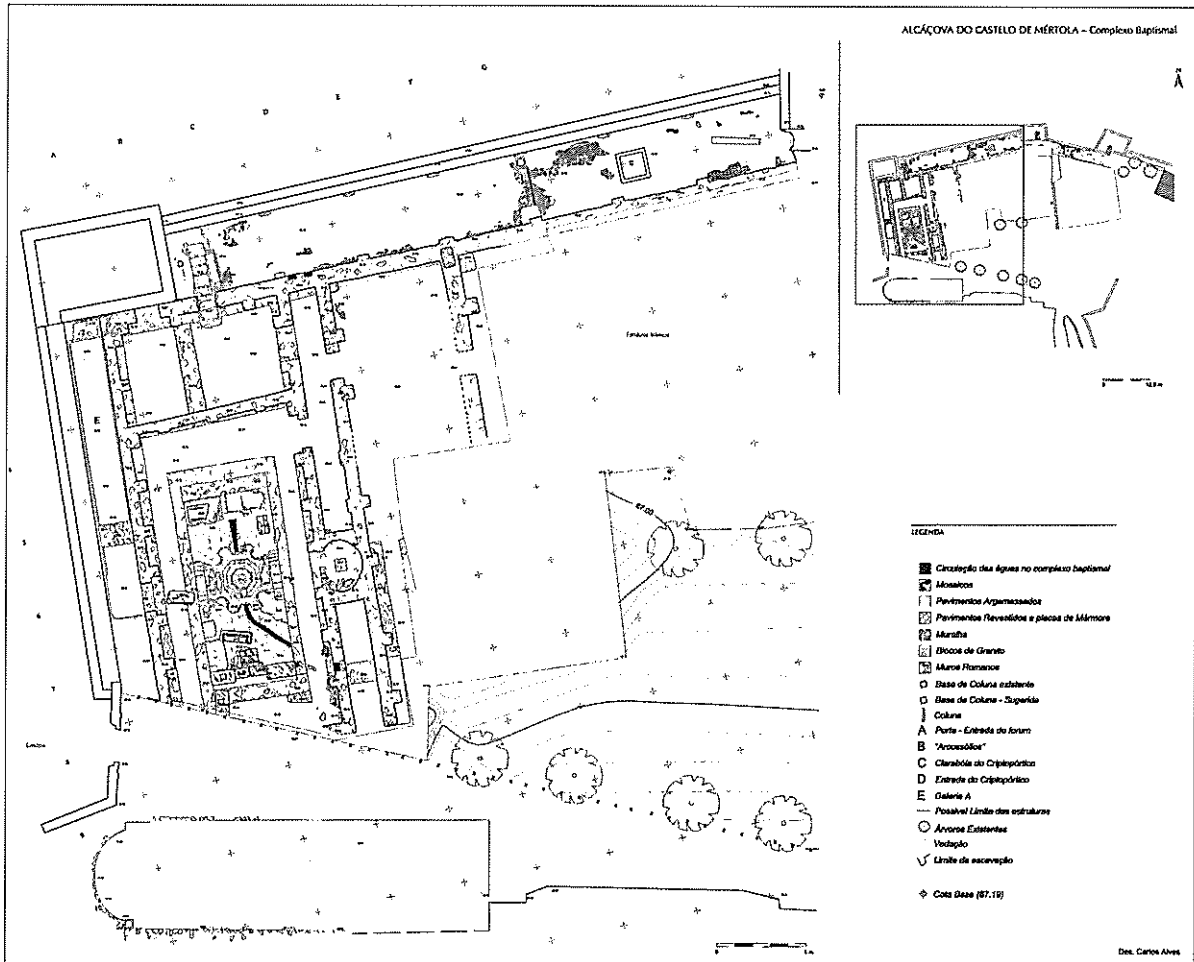


Fig. 3 - Planta do baptistério da Alcáçova do Castelo de Mértola.

até agora mais de 670 sepulturas que permitem identificar um cemitério denso e bastante bem organizado, de inumações em decúbito dorsal, praticadas em fossas com orientação aproximada Oeste-Este. Algumas das sepulturas tinham a cabeceira marcada por lajes de xisto ou tijolos e só um reduzido número delas um revestimento, muito precário, de pedras informes dispostas nas paredes da fossa. A maior parte corresponde a sepulturas individuais, embora algumas tenham enteramentos secundários associados, e só ocasionalmente apareceram enterramentos colectivos.

No que respeita às estruturas islâmicas (fig. 5), as escavações realizadas até a data permitiram descobrir, total ou parcialmente, quinze habitações dum apertado

bairro de época almóada datável aproximadamente entre meados do século XII e a conquista cristã em 1238.

Durante os primeiros séculos de domínio muçulmano, as ruínas dos edifícios religiosos da Antiguidade Tardia anteriormente mencionados devem ter desencorajado a actividade construtiva neste sector da cidade. Em época almóada (meados do século XII – meados do século XIII) porém, desenvolve-se uma intervenção urbanística de grande magnitude.

As casas foram construídas formando quarteirões separados por ruas muito estreitas em terra batida. A estrutura das vivendas é a mesma que se verifica na maior parte das casas urbanas de al-Ándalus. Geralmente, um átrio de reduzidas dimensões separava a



Fig. 4 - Mosaico da Alcáçova do Castelo de Mértola.

rua do interior da habitação. Através dele entrava-se no pátio, o núcleo da casa, em torno do qual se articulavam os outros compartimentos: latrina, cozinha, salões. As latrinas costumavam ocupar espaços reduzidos, com

um murete delgado a interromper a entrada e resguardar a intimidade do usuário. Estavam sempre ligadas a canalizações de esgotos ou directamente a uma fossa detritica. Cada casa dispunha de, pelo menos, um salão no qual se individualizava uma pequena alcova. A cozinha contava frequentemente com duas dependências: uma destinada ao armazenamento e outra à confecção dos alimentos, onde normalmente havia uma lareira e, em algumas casas, também uma canalização de esgotos. Algumas habitações contavam com um quarto de dimensões intermédias que poderia ter um uso polivalente como espaço de trabalho, de armazenamento e dormitório.

No bairro utilizou-se um sistema homogéneo de técnicas construtivas, com muros de aproximadamente 50 cm de largura, constituídos por alicerces de alvenaria ligada com barro, continuados com taipa e revestidos com uma espessa camada de argamassa e cal. Por vezes, levantavam-se, com adobes, tabiques interiores mais finos, destinados a separar ambientes dentro de



Fig. 5 - Planta do Bairro Almóada da Alcáçova do Castelo de Mértola.

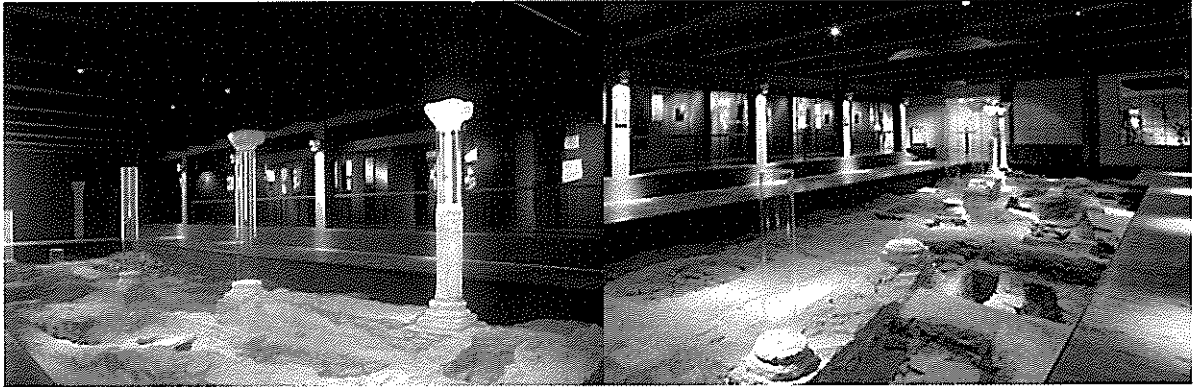


Fig. 6 - Basílica Paleocristã do Museu de Mértola.

espaços maiores ou a delimitar zonas em cozinhas, alcovas ou latrinas. Mais variadas eram as soluções adoptadas nos pavimentos que podiam utilizar a tijoleira, lajes de xisto, argamassa pintada com almagre, ou terra batida. As casa cobriam-se com telhas de meia cana sustentadas por barrotes.

A ausência de informação de Estácio da Veiga sobre o bairro almóada não deve, de modo algum, atribuir-se a preconceitos em relação ao período islâmico. Ao invés do que acontecerá com a maior parte dos arqueólogos portugueses nas primeiras sete décadas do século XX, teve todo o cuidado em reunir as informações disponíveis na altura e tentou verificar algumas. É especificamente este motivo o que o leva ao Convento de S. Francisco "no intuito de procurar se ainda por lá existiria o celebre monumento arabe de caracteres cúficos, que o abalariado arabista fr. João de Sousa vertera em linguagem portuguesa, e que bem parece ter pertencido a uma mesquita na epocha do dominio mahometano; mas fui tarde para resgatar este padrão monumental" (Veiga, 1983: 18). Recolhe e inventaria objectos deste período e dedica o capítulo IV das "Memorias das Antiguidades de Mértola" à "Epocha Árabe". As descrições dos vestígios que recolhe estão salpicadas de comentários, por vezes irados, contra a intencionada destruição e ocultação que a herança islâmica sofreu ao longo dos séculos, especialmente por parte da Igreja (Veiga, 1983: 137).

Fez uma recolha sistemática da informação referente à epigrafia árabe conhecida (Veiga, 1983: 146-160) e atribuiu a este período vários monumentos, embora sem

total certeza. Um deles a Torre do Rio e outro a Cisterna do Castelo, da qual faz um pormenorizado levantamento (Veiga, 1983: 138-141). As investigações realizadas nos últimos anos nesses locais desmentem de várias formas as afirmações de Estácio da Veiga. Por um lado, a actual cisterna, que o arqueólogo algarvio descreve, difere da que desenhou Duarte D'Armas. A desenhada em inícios do século XVI tinha planta quadrada e a desenhada por Estácio da Veiga, é rectangular. Por outro lado, as intervenções de carácter preventivo efectuadas no Castelo pelo Campo Arqueológico de Mértola revelam, em vários pontos do castelo, a existência de canalizações que captavam e conduziam água para dentro da cisterna. Estas canalizações que destroem não só estruturas desenhadas por Duarte D'Armas, como também habitações de época califal/taifa subjacentes.

Ainda merece a sua atenção a "epocha portuguesa" (Veiga, 1983: 165-173), mas só no que diz respeito ao castelo e ao convento de monges de Santiago que nele se instalou, e à Igreja Matriz. Esta última provoca-lhe forte desconcerto; não reconhece nela nenhum elemento do período islâmico, e atribui a anormal distribuição das naves em relação à porta principal e aos altares ao facto de a porta principal, que deveria estar na fachada Oeste, ter sido obstruída por hipotéticos derrubes do Castelo.

### 3. Rossio do Carmo

Outro dos locais intervencionado arqueologica-

mente por Estácio da Veiga foi a riquíssima área compreendida entre a Igreja do Carmo e a Ermida de Santo António. Entre estes dois templos, descobriu «um extenso campo mortuario» de época visigótica, onde identificou catorze lápides epigrafadas, algumas fragmentadas, todas “em marmores visivelmente extrahidos de edificios antigos” (Veiga, 1983: 21).

Neste local o arqueólogo levou a cabo uma “rápida escavação (...) [no] lugar em que parece ter existido a primitiva igreja christã d’aquela epocha” (Veiga, 1983: 21).

Mais tarde, Estácio da Veiga, atraído pela excepcional importância daqueles vestígios e certamente incentivado pelas notícias que lhe fazia chegar o seu amigo ali residente em Mértola, Manuel Inácio de Mello Garrido, de que “quasi todos os dias se está descobrindo neste sítio monumentos”, apelando à necessidade “d’uma exploração científica bem dirigida” (Pereira, 1993: 13), retornaria por diversas vezes à localidade, vindo a efectuar trabalhos de escavação naquele local. Esses trabalhos terão ocorrido entre os anos de 1887 e 1891, segundo Bandeira Ferreira (Ferreira, 1965: 59 a 729) e, segundo Maria Luísa Estácio da Veiga Silva Pereira (Pereira, 1993: 14), com probabilidade no ano de 1890. Por essa altura, desenha uma cuidada planta de levantamento da área intervencionada, onde define o traçado parcial de uma basílica de ábside semi-circular, e onde localiza as cinquenta e duas sepulturas que foram, então, abertas (Barros, 1999: 51).

Pelos dados arqueológicos que hoje dispomos sabemos que esse local foi utilizado como necrópole na Idade do Ferro e no período romano. Supõe-se ter aí existido uma área cemiterial desde o século IV a. C., hipótese que se baseia na lápide funerária com “escrita do sudoeste” reutilizada, que servia de tampa de uma sepultura paleocristã encontrada nas escavações efectuadas em 1993. O Rossio do Carmo teve uma necrópole de incineração e um cemitério de inumação a partir do final do século I d. C. A sua localização junto à via enquadrava-se numa prática comum que estabelecia que, ao passar pelo local dos enterramentos, cada pessoa devia prestar homenagem aos seus falecidos antepassados. Podemos pois dizer que esta zona cemiterial antecede a futura basílica, e que as sepulturas preenchem já uma considerável área desta zona no século V, quan-

do da construção do templo. Segundo Manuela A. Dias, as inscrições funerárias encontradas no local permitem com segurança, atestar uma ocupação contínua entre, pelo menos, 462 e 706 d.C. (Dias, 1993: 102 e 103).

Perto desse local, nas traseiras da actual Escola Primária –edifício posterior à demolição, em 1918, da Igreja do Carmo– Estácio da Veiga examinou ainda um conjunto de sepulturas escavadas no afloramento rochoso da encosta xistosa que se estende até à muralha pré-romana do Cerro do Benfica. De dimensões variadas, maioritariamente estreitas e pouco profundas, tinham sido na sua maior parte violadas e esvaziadas; apenas três, que se encontravam soterradas, continham restos de esqueletos humanos e pequenos objectos de cobre, um prego, um gonzo e uns brincos em argola (Veiga, 1993: 102 e 103). Recolhas de materiais arqueológicos efectuados no local por Cláudio Torres permitem-nos inferir que este conjunto seria do período romano, e remetendo a um cemitério anterior ao funcionamento da basílica paleocristã do Rossio do Carmo (Lopes, 1993: 83).

Em 1993, após a escavação e a posterior musealização, foi inaugurado um núcleo museológico, *in situ*, onde se valoriza um conjunto de estruturas pertencentes à basílica e um acervo lapidar de extrema importância para a leitura do processo da organização religiosa do período paleocristão de Mértola (Torres e Macias, 1993) (fig. 6).

Nos anos 2001-2002, devido ao arranjo da pavimentação das ruas, o largo a sul da basílica foi alvo de intervenções arqueológicas. Estas escavações, que ainda se encontram em curso, revelaram uma importante necrópole islâmica.

#### **4. A necrópole paleocristã junto à igreja de Santo António dos Pescadores**

Nas suas “*Memórias das Antiguidades de Mértola*”, Estácio da Veiga refere o achado de sepulturas paleocristãs nas proximidades da Igreja de Santo António dos Pescadores numa vala aberta no lado Oeste da “Estrada Real”, que podemos identificar com a actual Rua Dr. Afonso Costa.

A mais antiga das lápides proveniente deste espaço corresponde ao epitáfio de Orania que Estácio traduz

*“Orania, serva do Señor, viveu tres annos. Descançou em paz no dia dos idos de novembro da era de 511”, o 13 de Novembro de 473 (Veiga, 1983: 101-103, ver também Dias, 1993: 118). Uma outra lápide suportava a epígrafe incompleta que apenas identifica a idade e a data da morte da falecida em 31 de Janeiro 518 (Veiga, 1983: 108-109). A última das lápidas contém uma epígrafe em caracteres gregos dedicado à memória de Zozimo filho de Polynios (Veiga, 1983: 117-118, ver também Vives, 1969: 141-142).*

Acicatado por estes achados, empreende ele próprio um *“limitado reconhecimento (...) junto á valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo António”* (Veiga, 1983: 119). Encontrou seis sepulturas mas apenas descreve quatro, duas das quais parcialmente destruídas e duas intactas, algumas escavadas parcialmente no substrato rochoso e revestidas duma estrutura argamassada. Nas duas sepulturas intactas, descreve, numa delas, *“uma cobertura logitudinal de alvenaria, ligeiramente convexa”,* e, na outra, uma *“cobertura de alvenaria á similhaça de abobada um tanto abatida. Continha os ossos de uma pessoa adulta já muito deteriorados, e aos pés uma defeza de cabra, parecendo intencionalmente ali collocada como objecto de superstição”* (Veiga, 1983: 120). A última das sepulturas escavada por Estácio tinha uma orientação NNE – SSO, quase perpendicular às anteriores. *“Não tinha revestimento interno nem cobertura de alvenaria. Os poucos ossos que encerrava, estavam pela maior parte apodrecidos”* (Veiga, 1983: 121).

*“Acima d’estas sepulturas notei vestígios de paredes antigas e um tanque com revestimento interno de cimento romano, medindo 2<sup>m</sup>,32 de comprimento, 1m01 de largura e 0m,69 de fundura, estando porém superiormente cortado. Seria talvez uma piscina de banho pertencente a um domicilio particular, e anterior, certamente, ao tempo dos enterramentos”* (Veiga, 1983: 121). No que diz respeito à interpretação da estrutura revestida de argamassa, em outras áreas da vila foram encontrados tanques de tipo *cetarea*, que confirmariam as primeiras impressões insinuadas por Estácio. No entanto, Santiago Macias tem sugerido tratar-se dum baptistério (Macias, 1993: 39).

Em 2001 e 2005 foram efectuadas pelo Campo Arqueológico de Mértola várias intervenções arqueoló-

gicas nesta zona actualmente ocupada pelo Cine-Teatro Marques Duque. As escavações documentaram uma sequência estratigráfica mais complexa do que a referenciada por Estácio. Em termos gerais, as escavações revelaram parte dos alicerces da ermida de Santo António dos Pescadores, estruturas dum arrabalde islâmico dos séculos X-XII e 34 sepulturas paleocristãs.

#### **4.1. A igreja setecentista**

A igreja de Santo António dos Pescadores, que Estácio da Veiga ainda conheceu, tinha sido fundada em ano incerto da centúria de Seiscentos (Boiça e Barros, 1995: 65). Aparentemente, tratava-se de uma pequena igreja de uma nave, com a capela-mor rebaixada e pouco saliente e a fachada voltada para a estrada (Boiça, 1998: 61). Certamente não devia ser um monumento que se destacasse pela sua qualidade artística, mas não inspirou a Estácio da Veiga qualquer comentário para além de servir de ponto de referencia para o cemitério paleocristão. Em 1917 foi destruída para a construção do Teatro Marques Duque (Boiça, 1998: 61).

As escavações do Campo Arqueológico de Mértola apenas localizaram parte dos alicerces da igreja, que seguem a mesma orientação do Cine-Teatro, e alguns pavimentos associados a esses muros.

#### **4.2. O arrabalde islâmico**

Estácio da Veiga não fez qualquer referência nas suas *“Memórias”* à existência de estruturas islâmicas nesta área da vila. As estruturas encontradas *“acima”* das sepulturas são identificadas por ele como romanas e, pela descrição, poderia parecer inadequado atribuir o tanque revestido de argamassa ao período islâmico. No entanto, a documentação de estruturas islâmicas na Cerca da Arrochela, permitia colocar a hipótese da existência de um arrabalde islâmico em toda esta área ribeirinha, como efectivamente se veio a verificar em escavação do Campo Arqueológico de Mértola.

Não é possível obter uma leitura completa das estruturas encontradas, mas podemos afirmar que a maior parte dos muros pertencem a uma casa da qual apenas é visível o seu extremo ocidental (fig. 7), composto por

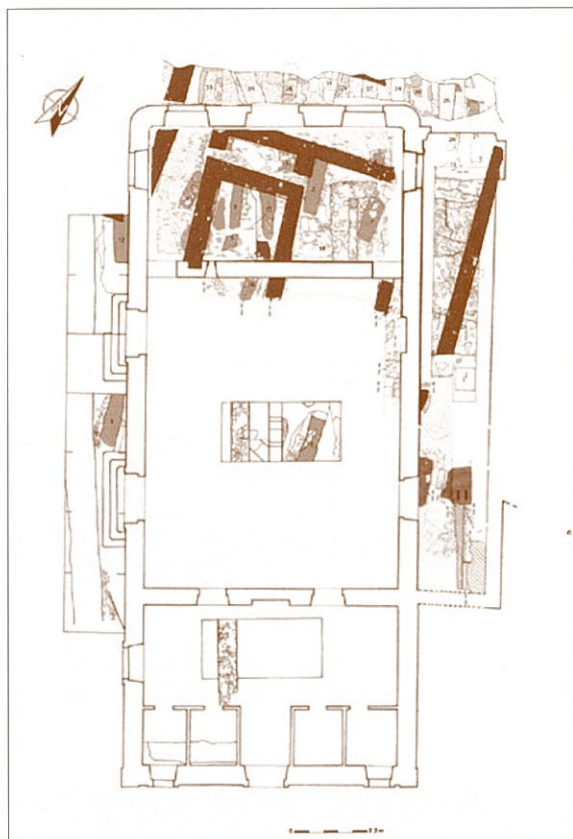


Fig. 7 - Intervenção arqueológica no Cine-Teatro Marques Duque. Estruturas islâmicas.

um átrio estreito, um pátio de grandes dimensões e um terceiro compartimento situado junto ao átrio onde foi possível documentar dois níveis de ocupação. Mais a Sul, foi posta a descoberto uma rua que daria serventia a esta e a uma segunda casa da qual apenas conhecemos a fachada norte.

Pese a dificuldades de interpretação (derivadas das características da intervenção, limitada aos condicionamentos da obra, e duma estratigrafia complexa, alterada pelas construções modernas e contemporâneas), é possível reconhecer um certo planeamento urbano, com ruas bem estruturadas e sistemas de canalização e de esgoto desenvolvidos. Ainda é difícil estabelecer interpretações fiáveis sobre a funcionalidade de todas estas estruturas, mas alguns indícios levam-nos a pensar que esta zona poderia não ser apenas uma área

habitacional. A presença, em toda a área, de escórias de vidro sugere a possibilidade de tratar-se de um arrabalde onde se desenvolveriam também actividades de carácter industrial, talvez o fabrico de vidro.

### 4.3. A necrópole paleocristã

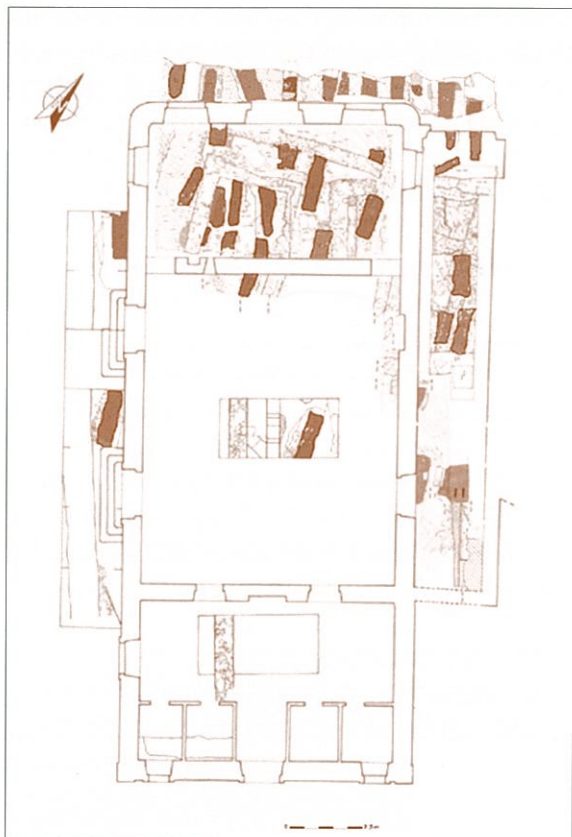
Na escavação do Cine-Teatro Marques Duque foi possível confirmar a existência da necrópole paleocristã tal como já tinha sido referida por Estácio da Veiga em finais do século XIX. As sepulturas encontravam-se a pouca profundidade, e por este motivo foram na sua maior parte destruídas já em época islâmica. Nalguns casos constatamos outras destruições no século XVII devido à construção da Igreja de Santo António, e no século XX pela do Cine-Teatro e de diferentes infraestruturas urbanas. No entanto, foi possível reunir um conjunto importante de dados.

Esta necrópole era densa e bem organizada. No total, foram identificadas 34 sepulturas (fig. 8), quase todas escavadas no afloramento rochoso de xisto e grande parte delas delimitadas por estruturas de pedra e argamassa de cal, ocasionalmente também compostas de tijolos e *tegulae*. Seguiam quase todas uma orientação aproximada Este-Oeste e alinhavam-se segundo eixos ortogonais bem definidos e eram separadas por espaços reduzidos e regulares, por vezes apenas por um estreito murete.

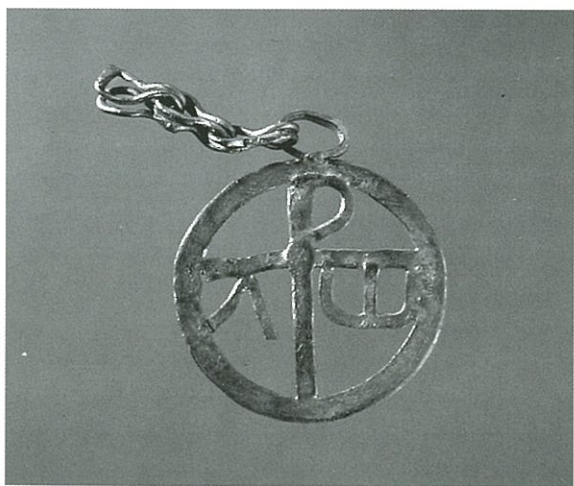
Apenas uma sepultura tinha uma orientação sensivelmente diferente (NO-SE). Estava parcialmente remexida e continha o esqueleto dum indivíduo jovem. Das restantes sepulturas, apenas vinte e duas conservavam ainda ossos humanos *in situ* e só uma estava selada por uma cobertura de lajes de xisto e com o esqueleto praticamente completo e em bom estado de conservação. Uma outra sepultura, que estaria também selada, foi identificada mas não foi aberta por se encontrar debaixo de estruturas islâmicas que não chegaram a ser afectadas pelas obras do Cine-Teatro.

Os restos ósseos, por regra eram depositados em decúbito dorsal com os braços colocados ao longo do corpo ou sobre o púbis. Não foi encontrado qualquer espólio funerário associado.

Pontualmente, foi possível localizar vestígios dum pavimento argamassado que cobriria o espaço funerá-



**Fig. 8** - Intervenção arqueológica no Cine-Teatro Marques Duque. Sepulturas paleocristãs.



**Fig. 9** - Medalha em ouro com representação do crismom.

rio. É de destacar a presença duma marca deixada pela lápide sepulcral duma sepultura num destes fragmentos de pavimento. Trata-se dum tipo de *opus* semelhante ao encontrado *in situ* na Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo cobrindo as sepulturas encontradas no interior do recinto sagrado. Isto poderá significar que estas sepulturas se encontravam igualmente no interior de um edifício do qual não é possível actualmente identificar qualquer estrutura.

### 5. Achada de S. Sebastião

As primeiras descobertas arqueológicas relativas a este local devem-se a Estácio da Veiga, nos finais do século XIX. A Achada de S. Sebastião, situada numa plataforma sobranceira às margens do Guadiana, foi alvo de uma visita por parte do arqueólogo após as grandes cheias de 1876. Estácio da Veiga, que visitou o local logo após a gigantesca cheia do Guadiana que se verificou a 6 e 7 Dezembro de 1876, observou no local dezassete sepulturas, classificando-as como pertencentes ao período romano. A acção intempestiva das águas pusera parcialmente a descoberto algumas sepulturas de uma necrópole e arrasara uma pequena ermida dedicada a S. Sebastião, de fundação quinhentista, procedendo o citado arqueólogo ao reconhecimento do sítio, à feitura de uma planta e à recolha de alguns materiais. No comentário que acompanha a planta, informa que “estavam simplesmente perceptíveis dezassete sepulturas mas nenhuma em estado de se poder examinar”. Apesar de não ter realizado trabalhos de natureza arqueológica, atribui a necrópole ao período romano, não excluindo a hipótese de ter uma “origem mais antiga, embora posteriormente aproveitada” (Veiga, 1983: 81).

Registe-se, por outro lado, que nenhum dos dados arqueológicos recolhidos até ao momento permite confirmar a hipótese de no local ter existido uma necrópole de incineração, como à partida o parecia indicar o achado de uma “urna cinerária”, ou de um “fundo de anphora de argilla vermelha com um fragmento de craneo e residuos de incineração, mostrando ter servido de receptaculo cinerario”, como foi referido em 1880 por Estácio da Veiga (Veiga, 1983: 83 est. 5).



**Fig. 10** - Ermida de São Sebastião. Museu de Mértola.

Na escavação arqueológica que efectuámos não foi encontrado qualquer elemento epigráfico de identificação das sepulturas, que são habituais nos cemitérios romanos e posteriores. No entanto, Estácio da Veiga refere o aparecimento de “um fragmento de uma laje de mármore granolamellar azulado com uma superfície trabalhada, extrahido da campa de uma sepultura” (Veiga, 1983: 32).

O projecto de ampliação da Escola Secundária de Mértola, localizada junto à necrópole, e a construção de um pavilhão gimnodesportivo motivaram uma intervenção arqueológica da equipa do Campo Arqueológico de Mértola, levada a efeito entre Outubro de 1991 e Janeiro de 1992. Apesar do carácter de emergência de que revestiu, foram identificadas e estudadas 182 sepulturas, número que viria a ser significativamente aumentado com as escavações realizadas nos anos se-

guintes. Até ao momento são conhecidos 269 exemplares, dos quais se conservam, na área musealizada, somente 87, junto à ermida de S. Sebastião. Estes dois espaços - ermida e necrópole - foram escavados entre 1992 e 1998 pelos alunos e professores do curso de Técnicos de Museografia Arqueológica da delegação de Mértola da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (Lopes, 1999: 81).

As escavações puseram a descoberto uma significativa área cemiterial de longa duração, onde foram recolhidos testemunhos inquestionáveis do culto cristão (fig. 9). Essa necrópole foi parcialmente ocupada pelas novas construções escolares, embora, no entanto, tenha sido preservada uma parte significativa, que foi alvo de reconstrução e musealização. Este núcleo é composto por uma ermida quinhentista reconstituída que contém no seu interior um espaço museológico constituindo-se como um núcleo do Museu de Mértola (Lopes, 2003: 129 e 130) (fig. 10).

## 6. Conclusão

Ninguém pode discutir que Estácio da Veiga foi uma figura excepcional e muito avançada na sua época. A sua filosofia museológica é precursora da que é defendida e materializada em Mértola, nos dias de hoje. Já em 1880, o arqueólogo defendia que “exaurir todas as provincias do reino da sua riqueza archeologica para a concentrar em Lisboa, parece-me um grande attentado contra a mui racional conveniencia de se manter em cada provincia a sua especial riqueza e feição local” (Veiga, 1983: 9) e vai mais longe ao expressar que, “em regra geral, nenhum monumento ainda existente no seu primitivo logar (...) deve ser tirado d’esse logar” (Veiga, 1983:11). Apesar da sua “perspectiva descentralizadora e defensora do património local” (Moreira, 1989: 57), certo é que as condições para a criação de museus locais não existiam e se, na prática, ao enviar para Lisboa os objectos arqueológicos reunidos na sua estada em Mértola muitos se perderam, contudo também muitos se salvaram e enriqueceram o acervo do Museu Nacional de Arqueologia.

Os trabalhos de Estácio da Veiga em Mértola e

no Algarve foram precursores da moderna arqueologia portuguesa. A vasta obra escrita que nos deixou, em especial as Memórias das Antiguidades de Mértola, continua a ser uma obra de referência para as investigações que, na maior parte dos casos, só foram retomadas nos últimos anos.

Em Mértola parece que o sonho de Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga se tornou realidade, conseguindo preservar e valorizar o património arqueológico local.

## Bibliografia

- BARROS, M. F. R.**, (1999) – «A cheia diluvial do rio Guadiana de 1876 e os trabalhos arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola». In *Museu de Mértola A Necrópole e a ermida da Achada de S. Sebastião*. Mértola, CAM/EPBJC, pp. 27 – 62.
- BOIÇA, J. M. F.** (1998) – *Imaginária de Mértola, tempos, espaços, representações*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- BOIÇA, J.M.F. e Barros, M.F.R.** (1995) – *As Terras As Seras Os Rios. As memórias paroquiais de 1758 do Concelho de Mértola*, Coleção Estudos e fontes para a História Local, nº 1. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- BOIÇA, J.M.F. e Lopes, V.** (1999) – *Museu de Mértola A Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião*, CAM/EPBJC, Mértola.
- DIAS, M.A.**, (1993) – «Epigrafia». In *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 102-138.
- FERREIRA, F. B.** (1965) – «Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola», *Revista de Guimarães*, LXXV, pp. 59-72.
- LOPES, V.** (1993) – «Materiais arqueológicos». In *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 66 - 101.
- LOPES, V.** (1999) – «A necrópole da achada de S. Sebastião». In *Museu de Mértola A Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião*. Mértola, CAM/EPBJC, pp. 79 – 100.
- LOPES, V.** (2003) – *Mértola na antiguidade tardia*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- MACIAS, S.** (1993) – «Um espaço funerário», *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 30-62.
- MOREIRA, I.** (1989) – *Museus e Monumentos em Portugal, 1772 – 1974*. Lisboa.
- PEREIRA, M. L. E. V. S.** (1993) – «Prefácio». In *Museu de Mértola – Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 6 – 23.
- TORRES, C. e Silva, L.** (1989) – *Mértola Vila Museu*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, C. e Oliveira, J. C.**, (1987) – «O Criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola». In *II Congresso de Arqueologia Medieval Española*, tomo II, p. 618-626. Madrid.
- TORRES, C. e Macias, S.**, (Coordenadores) (1993) – *Museu de Mértola Basílica Paleocristã*. Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- VEIGA, S. Ph. Estácio da** (1983) – *Memórias das Antiguidades de Mértola*. Edição fac-similada de 1880. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Câmara Municipal de Mértola.
- VIVES, José** (1969) – *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Barcelona.